

Encontro

de 21 a 22 de Abril 2018

Arte & Património



Livro de Resumos

ENCONTRO

ARTE e PATRIMÓNIO

2018

S. JORGE

21 e 22 de Abril de 2018

ORGANIZAÇÃO

Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte S. Jorge Lda

Ouvidoria de S. Jorge

Edição

Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte São Jorge Lda.
Cantum Mensurable/Luís Henriques

Organização

Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte São Jorge Lda.
Ouvidoria de São Jorge

Comissão executiva

David Silva | Odília Teixeira | Luís Henriques

ISBN 978-989-20-8311-7

Apoio/Colaboração

SOLAR DA
VISCONDESSA



SINCE  1949

PICOWINES
COOPERATIVA VITIVÍCOLA
DÁ ILHA DO PICO

O Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte S. Jorge foi fundado no ano 2000 por Odília Teixeira e David Silva e tem vindo a realizar diversos trabalhos de conservação e restauro nas áreas de pintura de cavalete, escultura policromada, talha dourada, cerâmica, mobiliário, marcações de segurança e inventários. Tem sido um dos principais objectivos deste Atelier a salvaguarda do património histórico e artístico tendo em conta o respeito pela estética, a integridade física e história das obras de arte. No âmbito desse trabalho, temos vindo a constatar a necessidade de, para além de intervir, também refletir sobre os vários tipos de intervenções de conservação e restauro e as consequentes problemáticas associadas, assim como as questões da História da Arte e Património artístico em geral e aquelas referentes ao arquipélago dos Açores.

Com esse intuito, iniciou-se em 2016 o Encontro “Arte & Património” como experiência no sentido de sensibilizar o público em geral para as questões e problemáticas da conservação e restauro do património da Região Autónoma dos Açores, juntando investigadores e técnicos especializados nesta área. No ano de 2017 conseguiu-se uma estrutura que englobasse para além da conservação e restauro também o seu enquadramento nas grandes questões e linhas de investigação da História da Arte. Pretendeu-se também estender o evento à comunidade local promovendo manifestações artísticas, nomeadamente o concerto de órgão na Matriz de Santa Catarina e uma visita guiada às igrejas setecentistas, como forma de valorização do património existente na ilha de São Jorge perspectivando novas contemplanções e experimentações do seu potencial.

Este Encontro tem sido realizado em estreita parceria com a Ouvidoria de São Jorge, na pessoa do Ouvidor Eclesiástico da ilha, P.^e Manuel António Matas dos Santos. Na sua terceira edição, o Encontro “Arte & Património” irá manter a linha formal da última edição, com um dia dedicado à investigação através de uma conferência reunindo especialistas da área e um concerto de encerramento na Igreja Matriz de Santa Catarina, construído em torno do seu órgão enquanto elemento de valorização do património artístico de S. Jorge.

A organização deseja ainda agradecer a todas pessoas e instituições envolvidas, assim como aos investigadores e músicos que acederam partilhar o seu trabalho neste momento, cuja colaboração e apoio tornaram possível pelo terceiro ano consecutivo a realização deste evento.

A organização

PROGRAMA

21 DE ABRIL, 14h30

ENCONTRO “ARTE e PATRIMÓNIO”

Solar da Viscondessa, Terreiros

RECEPÇÃO E ENTREGA DE DOCUMENTAÇÃO

SESSÃO DE ABERTURA

DAVID SILVA e ODÍLIA TEIXEIRA

P.º MANUEL ANTÓNIO

PAINEL I

Moderação: Luís Henriques

Carlos A. Moreira Azevedo: “Incidência iconográfica das ladainhas marianas”

Ricardo Tavares: “De como a verdade, pela arte, se torna ente histórico: *Análise e contemplação dos painéis da abóbada do presbitério da Igreja de Santa Bárbara*”

Ana Raquel Machado: “O Mestre de Arruda dos Vinhos: uma abordagem histórico-artística da sua obra pictórica”

Discussão

INTERVALO

PAINEL II

Moderação: Luís Henriques

Rui Bordalo: “Caracterização Material Não-Destrutiva de Pinturas de Inícios do Século XX de Abel Manta, Dórdio Gomes e Júlio Santos”

Artur Goulart de Melo Borges: “Alfaias litúrgicas – um património a valorizar”

Rute Dias Gregório: “Arquivos paroquiais dos Açores: conhecer e salvaguardar”

Discussão

ENCERRAMENTO

22 DE ABRIL, 21h00

RECITAL DE ÓRGÃO E VIOLONCELO

por Duarte Pereira Martins e Nuno M. Cardoso

Igreja Matriz de Santa Catarina, Calheta

COMUNICAÇÕES

E

NOTAS CURRICULARES

Incidência iconográfica das ladainhas marianas

CARLOS A. MOREIRA AZEVEDO

As preces do lirismo medieval cristalizam em litanias marianas com termos de base bíblica. Os emblemas bíblicos deram origem a séries de pinturas, gravuras e azulejos que por vezes mostram dificuldade de interpretação sem o conhecimento das fontes inspiradoras como o livro *Elogia mariana*. A riqueza simbólica das prefigurações veterotestamentárias integra a beleza da natureza. A apresentação socorre-se de exemplos da arte portuguesa e mesmo açoriana.

Nascido em 1953, em Milheirós de Poiares (Santa Maria da Feira), doutorou-se, em 1986, na Faculdade de História Eclesiástica da Universidade Gregoriana – Roma. É Membro da Academia Portuguesa da História, desde 1998. Presidiu ao Centro de Estudos de História Religiosa (1992-2001). Dirigiu a obra *Dicionário e História religiosa de Portugal*, em 7 volumes. Foi professor e Vice-Reitor da Universidade Católica Portuguesa (2000-2004). Ordenado bispo em 2005, é Delegado do Conselho Pontifício da Cultura (desde 11-11-2011), coordenando o Departamento dos bens culturais, e Membro da Comissão Pontifícia de Arqueologia sacra (2015). Tem mais de uma centena de trabalhos publicados em livros e revistas. Mais recentemente e dentro da temática de hoje publicou: *Estudos de iconografia cristã*. Vila Nova da Gaia: Fundação Manuel Leão, 2016. 328 pp..

De como a verdade, pela arte, se torna ente histórico. *Análise e contemplação dos painéis da abóbada do presbitério da Igreja de Santa Bárbara*

RICARDO TAVARES

A comunicação consiste numa abordagem filosófico-teológica dos doze painéis da abóbada do presbitério da Igreja de Santa Bárbara, na freguesia das Manadas, da Ilha de São Jorge. A aproximação à obra baseia-se na definição de "arte" do filósofo alemão Martin Heidegger: "via de manifestação da verdade do ser do ente". Tendo como cerne o pensamento exposto em *Der Ursprung des Kunstwerkes*, nomeadamente o método indutivo e existencialista, o caminho parte do pressuposto de que a obra de arte, enquanto ente, é sensorialmente abordável com vista à percepção da sua dimensão simbólica: nesta coisidade se desoculta o ser, isto é, acontece a verdade. Este processo ocorre numa dialéctica, isto é, num combate,

entre o “mundo” estabelecido pela obra e a “terra” onde ela se estabelece. A “clareira” que se produz é a da verdade, que resplandece como a que se revela e simultaneamente se oculta: a verdade intemporal materializa-se historicamente, de modo inédito, mediante o “traço”, isto é, a forma, do ente da obra. A contemplação dos painéis da vida de Cristo implicará a transcendentalização do conceito heideggeriano de arte, como manifestação o próprio Ser dos entes, Deus, que em Jesus Cristo - simultaneamente artista e obra de arte - se fez, parcialmente, revelação, verdade.

Ricardo Tavares é presbítero da Diocese dos Açores. Natural de Vila Franca do Campo, na Ilha de São Miguel, licenciou-se em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa e em Engenharia Electrotécnica e de Computadores pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Estudou Arqueologia e Egíptologia na Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém. Fez doutoramento na Escola Superior de Filosofia e Teologia de Frankfurt, na Alemanha, sobre a influência da cultura egípcia na formação da Bíblia. Foi professor na Universidade Católica Portuguesa e na Universidade dos Açores. Actualmente é professor de Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Básica e Integrada Canto da Maia, em Ponta Delgada.

O Mestre de Arruda dos Vinhos: uma abordagem histórico-artística da sua obra pictórica

ANA RAQUEL MACHADO

A pintura atribuída ao Mestre de Arruda dos Vinhos, nome de conveniência deste pintor do século XVI, cuja excelente qualidade pictórica se evidencia, a par de um singular *estilo de autor*, como definiu Vítor Serrão, é composta por cerca de trinta obras documentadas.

Nesta conferência debruçamo-nos sobre a obra do Mestre de Arruda dos Vinhos, com particular enfoque para o seu enquadramento histórico-artístico. A análise cuidada da sua obra, assim como o seu nível composicional, tipos e formas do desenho, leva-nos a situar este artista lisboeta em meados de quinhentos, sendo ainda desconhecida a sua identidade, cujo nome de Cristóvão Lopes, filho de Gregório Lopes, tem sido apontado. São conhecidas pinturas da sua autoria em locais como: Igreja Matriz de Arruda dos Vinhos, Igreja Matriz de Cascais, Capela do Corpo Santo (Funchal), Igreja de

Nossa Senhora da Luz da Ponta do Sol (Madeira), Igreja de Santa Cruz da Graciosa (Açores) e no Hospital da Luz (Carnide).

Ana Raquel Machado é licenciada em História da Arte e Mestre em Arte, Património e Teoria do Restauro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É pós-graduada em Gestão Cultural pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

Estagiou no Museu Nacional do Azulejo onde trabalhou na área do inventário, identificação e montagem de painéis de azulejo.

É autora da publicação «*O Património Artístico da Igreja Matriz de Arruda dos Vinhos*». Actualmente é Professora de História da Arte na Universidade das Gerações em Arruda dos Vinhos. Integra ainda o Conselho Editorial da Herança – Revista de História, Cultura e Património da Ponteditora.

Caracterização Material Não-Destrutiva de Pinturas de Inícios do Século XX de Abel Manta, Dórdio Gomes e Júlio Santos

RUI BORDALO¹

O presente trabalho pretende contribuir para o estudo dos materiais pictóricos utilizados pelos pintores portugueses no início do século XX. Para o efeito, foram analisadas, quatro pinturas de três pintores portugueses cujas paletas são relativamente desconhecidas: “O Rancho da Azeitona” (1916) e “Sobreiros Seculares” (1930), de Dórdio Gomes (1890-1976); “O Transformador” (1932), de Abel Manta (1888-1982); e “O Pastor” (1937), de Júlio Santos (1906-1969). Os primeiros dois pintores enquadram-se na primeira geração de pintores modernistas portugueses, enquanto o terceiro se enquadra na dita segunda geração. Todas as pinturas fazem parte da colecção do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, em Évora. Dado o óptimo estado de conservação das pinturas, não foi possível proceder à recolha de micro-amostras pelo que a caracterização dos materiais foi realizada por métodos não destrutivos e *in-situ*, nomeadamente por Fluorescência de Raios-X (XRF) e Espectroscopia de Reflectância por Fibra Óptica (FORS). Este estudo ilustra a complementaridade dessas técnicas analíticas,

¹ Trabalho realizado em co-autoria com Carlo Bottaini (Laboratório HERCULES, Universidade de Évora) e António Candeias (Laboratório HERCULES, Universidade de Évora).

usadas *in-situ* e quando a amostragem não é possível, para a identificação de materiais de pintura, assim como contribui para a determinação da paleta preferida dos pintores.

Rui Bordalo é conservador-restaurador pelo Instituto Politécnico de Tomar, tendo-se especializado em pintura de cavalete. Em 2011 obteve o doutoramento pelo Courtauld Institute of Art, Universidade de Londres, com uma tese sobre a caracterização de pigmentos e consequências da limpeza laser em pinturas de cavalete. Tem desenvolvido um pós-doutoramento desde 2013 no Laboratório HERCULES da Universidade de Évora.

Alfaias litúrgicas – um património a valorizar

ARTUR GOULART DE MELO BORGES

Todos aqueles objectos que estão ao serviço da liturgia e do culto em geral, designados habitualmente como alfaias litúrgicas, são com muita frequência um património ignorado, quer por não estarem acessíveis ou visíveis nas igrejas, fora das celebrações, quer por exigirem uma atenção mais pormenorizada e cuidada. A arquitectura, a escultura, o património integrado (retábulos, azulejos, frescos) prendem muito mais a atenção pelo impacto visual que provocam no aspecto geral duma igreja, no contexto da comunidade em que está inserida.

Todavia, as alfaias litúrgicas representam igualmente a vivência da fé dessa comunidade e, além disso, pela função que desempenham distinguem-se de outros objectos, mesmo religiosos. Por isso, foram seleccionadas as oficinas, os artistas, os materiais, as formas, a decoração, tudo condicionado embora pela situação económica dos ofertantes, das paróquias, das confrarias.

Um inventário completo, segundo as normas correntes, é necessário para conhecer, estudar e, sobretudo, fruir da riqueza devocional e patrimonial destes objectos. Já muito tem sido feito, todavia em boa parte das dioceses do país é ainda um trabalho incipiente. Em concreto, em São Jorge, já existem algumas acções parcelares, que necessitam sem dúvida de um inventário uniformizado e normativo a nível diocesano.

Neste âmbito e em São Jorge, é possível mostrar alguns exemplos significativos do muito que existe e importa valorizar.

Licenciado em Arqueologia Paleocristã, em Roma, Itália, com estudos de pós-graduação em Museologia e História da Arte. Curso Superior Livre de Estudos Árabes. Técnico superior do Museu de Évora de 1979 a 1999, exercendo o cargo de Director de 1992 a 1999. Nesse âmbito, trabalhos de inventariação, investigação, elaboração de pareceres na área da museologia e do acervo artístico do Museu de Évora. Organização de exposições, participação em congressos, seminários, com publicações sobre estudos árabes, património artístico e cultural. Vogal da Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja da Arquidiocese de Évora e, desde Março de 2002, coordenador do Inventário do Património Artístico Móvel da Arquidiocese de Évora.

Arquivos paroquiais dos Açores: conhecer e salvaguardar

RUTE DIAS GREGÓRIO

Os arquivos são, comumente, um património esquecido. Se no âmbito dos conceitos e das políticas culturais, públicas e privadas, se assiste hoje a assinaláveis mudanças, estas ainda não configuram os impactos necessários. O objetivo desta comunicação é o de alertar para o estado e importância particular dos arquivos na sua componente patrimonial, com incidência nos arquivos paroquiais dos Açores. Qual a sua composição? Qual o respetivo estado de conservação? Que projetos existem para o tratamento técnico e para a sua divulgação/acesso? Que medidas se podem tomar, no imediato, para a salvaguarda destes bens e da informação que contêm? Baseada num corpo teórico e na literatura científica, esta comunicação pretende contribuir para a reflexão e para a mudança de comportamentos no âmbito da gestão e da salvaguarda dos arquivos paroquiais dos Açores.

Rute Isabel Rodrigues Dias Gregório nasceu no Uíge, Angola, em 1966. É Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História Filosofia e Artes da Universidade dos Açores e investigadora integrada do CHAM – Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores. Realizou profissionalização no ensino secundário, área de História, em 1992-1993. Fez Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica em

1998, com a dissertação *Pero Anes do Canto: um homem e um património (1473-1556)* [pub. 2001] e a aula pública *Nas franjas da sociedade medieval: problemáticas do estudo da marginalidade na Idade Média* [pub. 1998]. Doutorou-se em História, em 2006, com a tese *Terra e fortuna: os primórdios da humanização da ilha Terceira (1450?-1550)* [pub. 2007]. Possui pós-graduação em Ciências Documentais e da Informação pela Universidade dos Açores (2008), tem um *Master* em Documentação pela Universidade de Alcalá de Henares (2011) [pub. 2015]. Foi diretora da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada entre 1 de Outubro de 2011 e 1 de Janeiro de 2017. Atualmente é diretora da Biblioteca, Museu e Arquivo da Universidade dos Açores e diretora do Serviço Diocesano dos Bens Culturais da Igreja. As suas principais áreas de investigação enquadram-se na História Económica e Social dos séculos XV e XVI, na História dos Açores (séculos XV-XVI) e na Arquivística Histórica (séculos XV-XX). Tem publicados vários livros e artigos em revistas da especialidade.

ATELIER DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE OBRAS DE ARTE S. JORGE Lda.

Fundado no ano 2000 por David Silva e Odília Teixeira, bacharel pelo Instituto Politécnico de Tomar, o Atelier de Conservação e Restauro de Obras de Arte S. Jorge, Lda. tem vindo a realizar diversos trabalhos de Conservação e Restauro nas áreas de pintura de cavalete, escultura policromada, talha dourada, cerâmica e mobiliário.

Temos como principal objectivo a salvaguarda do Património Histórico e Artístico, tendo em conta o respeito pela estética, a integridade física e histórica das obras de Arte. As intervenções realizadas são efectuadas com materiais inócuos às obras, assim como reversíveis e compatíveis com o original, restringindo-nos a uma intervenção mínima de restauro.

As nossas instalações foram concebidas de raiz para a actividade de Conservação e Restauro. Assim sendo, todo o edifício foi pensado e construído com um só propósito, sendo possível tirar partido de muitas realidades, principalmente da luz natural. Em Dezembro de 2017 demos início à ampliação do edifício com novas instalações para sala de escultura e um armazém de apoio, para arrumo de andaimes e equipamento.

Desde 2011 tem uma nova valência que consiste em inventários e marcação se segurança em obras de arte através de chips, micro-etiquetas e marcação invisível. Este método é aplicável a mobiliário, pintura, escultura, cerâmica, tapeçaria, paramentaria, argentaria, marfim, bronze, livros antigos, pautas musicais, pergaminhos, armas, numismática e coleções diversas. Desenvolvemos este trabalho na Igreja do Convento de São Gonçalo de Angra do Heroísmo, ilha Terceira; Igreja de N^a. S^a. dos Milagres na ilha do Corvo, Igreja Matriz da Calheta, Igreja de São Mateus da Urzelina, na ilha de São Jorge e em coleções particulares.

Na área ambiental tentamos minimizar os impactos do desempenho da nossa atividade, com respeito pelo meio ambiente, procurando assim a preservação ambiental para as gerações futuras e contribuindo para a sustentabilidade do planeta. Neste sentido, a

empresa tem organizado acções de reflorestação no dia Mundial da Floresta, plantando cedros do mato (*Juniperus brevifolia*), planta endémica dos Açores utilizada na execução de retábulos e imagens de arte sacra. A empresa irá implementar a recolha e separação de resíduos e sua classificação com os códigos LER através de ecopontos e entrega aos operadores autorizados para tratamento posterior.

Actualmente mantém duas equipas com conservadores restauradores, tendo obras em curso na ilha de São Jorge (Atelier) e na ilha Graciosa (Igreja de Santo Cristo e Igreja Matriz de Santa Cruz), possuindo também outras obras em atelier, tais como pinturas sobre tela, pertencentes à Sé de Angra do Heroísmo da ilha Terceira. O Atelier iniciou em 2016 o encontro “Arte & Património” com vista a sensibilizar o público em geral para as questões e problemáticas da conservação e restauro do património da Região Autónoma dos Açores, juntando investigadores e técnicos especializados nesta área, de forma a promover boas práticas e metodologias adequadas à arte e património nos Açores. Este encontro tem sido realizado em parceria com a Ouvidoria de São Jorge, na pessoa do Ouvidor Eclesiástico da ilha, Pe. Manuel António Matas dos Santos.

SÃO JORGE E AS SUAS OUVIDORIAS

Procurei junto de testemunhas da época em que as ouvidorias de São Jorge foram unificadas e remeteram-me para o Boletim Eclesiástico dos Açores e, qual não é o meu espanto ao verificar que no ano de 1979, n.º 831, na pág. 262 consta a nomeação dos Ouvidores de São Jorge, nestes termos: o Ouvidor de Velas Pe. José Garcia Pedro; Ouvidor de Calheta Pe. Dr. António Rogério Gomes e Ouvidor do Topo Pe. José da Costa Leonardo. Não deixa de ser curioso, porque por Provisão de 4 de Junho 1878, o Bispo D. João Maria Pimentel extingue a Ouvidoria do Topo por constar de “uma única freguesia (...) sendo quase nenhum o serviço daquela repartição eclesiástica (...) fica incorporada à Ouvidoria da Vila da Calheta como dantes fazia”.

Põe-se a questão: como e quando surge novamente a Ouvidoria do Topo ou este será apenas um título honorífico atribuído ao Sr. Padre Leonardo. Não deixa de ser curioso que, no ano da unificação das ouvidorias de São Jorge, o nome do mesmo surja na lista de nomeações dos Ouvidores da Diocese que data de 19 de Março de 1981.

Em 10 de Junho de 1981, por Provisão de D. Aurélio Granada Escudeiro, na qual ainda menciona as três Ouvidorias dizendo:

Atendendo a que os distritos eclesiásticos da Ilha de S. Jorge, respetivamente Ouvidorias das Velas, Calheta e Topo já não correspondem ao conveniente ordenamento da Pastoral, e ao diminuto Clero da Ilha, atendendo a que o bem espiritual do Clero e fiéis e o bem público fica melhor assegurado com a existência de um único distrito Eclesiástico; atendendo ao que nesse sentido nos foi pedido pelo clero da Ilha – Havemos por bem suprimir as Ouvidorias de Velas e Topo e criar a Ouvidoria da Ilha de S. Jorge e tendo em consideração as circunstâncias, serviços e qualidades que distinguem o Reverendo Pe. Hermínio da Silveira Amorim (...) nomeado Ouvidor da nova Ouvidoria da Ilha de S. Jorge.

A Ouvidoria tem uma missão essencialmente pastoral. Os Sacerdotes que nela estão ao serviço devem formar uma verdadeira equipa para que a ação pastoral seja concertada e concordante.

A Ilha de S. Jorge tem tido este sentido de trabalho de conjunto que se tem notado nas diversas atividades pastorais da Ilha, como se verificou recentemente na Visita da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima e nas atividades com os Jovens em retiros e Dia Mundial da Juventude, ou com a catequese em ações de formação e encontros.

Pe. Manuel António

SOLAR DA VISCONDESSA

Terreiros

O Solar da Viscondessa terá sido construído no início do século XIX, para a família Teixeira Soares de Sousa.

Na chaminé da casa está inscrita a data de 1810. Dois anos antes, acordara ali perto o vulcão da Urzelina, provocando grande perda de vidas humanas, gado, casas e terras de cultivo. E três anos antes, com a primeira invasão francesa e a ida da corte para o Brasil, iniciara-se uma ainda mais violenta erupção na história de Portugal, só finda em 1834 com a vitória dos liberais na Guerra Civil. Contudo, se os Açores foram atravessados pela guerra fratricida, na qual o miguelista Miguel Teixeira Soares de Sousa (1791-1831) perdeu a vida, o arquipélago escapou ao caos que se instalou no continente em 1807, mantendo-se sempre, sob a proteção da Inglaterra, sujeito à soberania portuguesa.

Apesar das mais ou menos distantes agitações naturais e políticas, os proprietários desta quinta de vinho afamado encontraram a confiança necessária para tomar a decisão de lhe acrescentar uma bela casa. Para os Teixeira Soares de Sousa, uma das famílias da elite jorgense, os Terreiros eram uma alternativa esporádica mas confortável ao seu solar da vila das Velas, servida pela melhor estrada da ilha, a que ligava a capital do concelho às Manadas. Esta estrada ainda hoje corta a quinta ao meio, a parte alta subindo serra acima, a parte baixa descendo até ao mar, as duas dotadas de bonitos portões pinaculados, reentrantes e afrontados. Um pouco mais abaixo na estrada, ao virar da curva, fica a ermida de Santa Rita de Cássia, fundada em Setecentos. Continuando em direção ao mar, vamos ter à belíssima igreja das Manadas.

Para o solar, cujo nascente confronta a estrada com duas varandas de sacada, entramos pelo portão da quinta de baixo, desenvolvendo-se o alçado principal à nossa direita ao longo de um pátio murado com vista folgada sobre o Pico, uma magnólia e um magnífico cedro junto a um chafariz. A casa, de harmoniosa implantação, é obra atribuída aos Avelares, dinastia de pedreiros responsável por algumas das mais notáveis empreitadas da ilha entre os séculos

XVIII e XIX. O interior foi reconstruído depois do abalo de 1998, conservando ainda alguns elementos anteriores. O piso térreo é ocupado pelas lojas e pela entrada, as escadas de cantaria para o andar de cima terminando na janela de guilhotina que, ao meio de seis varandas de sacada, define o eixo central do alçado nobre, que vive todo da justeza de proporções e rigor de corte das negras cantarias. Contornando o solar pelo lado poente do pátio, passando pela casa do caseiro, damos com a maciça escada de pedra que sobe até ao balcão da cozinha, erguida sobre a ampla cisterna onde se recolhiam as águas do telhado. Contam-se ainda alguns curiosos anexos agrícolas em volta da casa, como o antigo lagar na parte de cima da quinta.

O chafariz do pátio, de 1893, foi certamente dos últimos melhoramentos introduzidos por Miguel Teixeira Soares de Sousa (1824-1894). A este rico, culto e requintado morgado, que chegou a presidir à Câmara das Velas, dever-se-ão, à maneira de outras propriedades insulares da época romântica, as altíssimas araucárias que assinalam a quinta na paisagem jorgense e o toque exótico da esguia palmeira que se ergue na antiga zona de jardim.

Este segundo Miguel teve um notável irmão, João Teixeira Soares de Sousa (†1875), «varão de talento e de saber» (Vitorino Nemésio, *Mau Tempo no Canal*), nascido na casa dos Terreiros a 12 de Setembro de 1827. Depois de cursar em Coimbra, em paralelo com a sua atividade política (foi eleito deputado), João Teixeira dedicou-se ao estudo da história, genealogias e tradições açorianas, em particular das jorgenses, recolhendo o romanceiro da sua ilha para Almeida Garrett, que não viveu para aproveitar esse trabalho, e, depois, para Teófilo Braga, publicando intensamente na imprensa local.

O herdeiro do segundo Miguel Teixeira seria outro Miguel, filho do seu irmão José Soares Teixeira de Sousa (1826-1885) e de sua mulher, Isabel Beatriz de Azevedo Pereira e Sousa (1837-1921), bisneta do sargento-mor António Silveira e Ávila, que mandou construir a Casa e Ermida de nossa Senhora dos Milagres, na Ribeira Seca. Isabel Beatriz foi agraciada por Decreto Real de 25/10/1894 com o título de Viscondessa de São Mateus. O terceiro Miguel

Teixeira (1864-1940) cedo perdeu a plena posse das faculdades mentais, nunca as tendo recuperado.

Por decisão testamentária da Viscondessa, foram as suas sobrinhas que herdaram o património de Miguel Teixeira. As sobrinhas eram filhas da irmã da Viscondessa, Maria Doroteia, e de seu marido José Acácio da Silveira Moniz do Canto e Noronha, também ele bisneto de António Silveira e Ávila. A quinta dos Terreiros coube à sobrinha mais velha, Vitória Beatriz de Noronha, bisavó dos atuais proprietários.

Colou-se de tal forma à quinta a memória dos anos passados sob a alçada da personalidade forte da mãe do terceiro Miguel Teixeira que é ainda hoje conhecida na região como o Solar da *Viscondessa*.

ISBN 978-989-20-8311-7



9 789892 083117

SOLAR DA VISCONDESSA



ACROARTE

pousadas
de juventude



Promovido por **ACROARTE** em parceria com

**OUVIDORIA
DE S. JORGE**